


SEÇÃO ARTIGOS

**Espacial ou socioespacial?:
relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia**

**Spatial or sociospatial?:
space-society relations in the critical renewal of Geography**

**¿Espacial o socioespacial?:
relaciones espacio-sociedad en el proceso de renovación de la Geografía**

DOI: <https://doi.org/10.22409/t5kjm50>

 [Edson de Jesus Abreu](#)¹
Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Bahia, Brasil
e-mail: edsonabreu11@gmail.com

Resumo

Este ensaio tem por objetivo discutir o modo como os diferentes conceitos de espaço, surgidos da renovação crítica da Geografia, incorporam a sociedade em sua interpretação da realidade, a partir da noção de “tradução” apresentada por Milton Santos (1996). Para isso, em um primeiro momento, realizou-se uma discussão sobre questões relacionadas aos conceitos utilizados na disciplina. Em um segundo momento, foi realizado um breve histórico do uso e importância do conceito de espaço na Geografia. A seguir, foram analisados diferentes processos de “tradução conceitual” realizados ao longo deste último período da Geografia que se iniciou com a Renovação. É possível perceber, assim, que há um descompasso entre o que se entende por espacial em conceitos como “formação socioespacial” ou “diferenciação sócio-espacial” e o que alguns dos próprios autores que os utilizam definem como espaço ou espacial, reduzindo o espaço a mero espaço físico e diminuindo, com isso, o seu poder explicativo.

Palavras-chave

Tradução conceitual; Renovação crítica da Geografia; Espaço; Sociedade

¹ Licenciado e bacharel em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestrando em Geografia pela UFBA.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.
Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.
ISSN: 2316-8544

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

This essay aims to discuss the way in which the different concepts of space, that were created after critical renovation of geography, incorporate society in their interpretation of reality, following the notion of “translation” presented by Milton Santos (1996) to do so. To do so, at first a discussion was made about the questions related to the concepts used in the discipline. Secondly, a brief history of the use and importance of the concept of space in geography was made. Later, we analyzed different processes of “conceptual translation” made in the course of this last period of geography that started at the Renovation. With that, it is possible to see that there is an inconsistency between what is understood as spatial in concepts such as “socio-spatial formation” and “socio-spatial differentiation”, and what some of the authors that use them define as space or spatial, diminishing the space to mere physical space and, with that, its explicative capacity.

Keywords

Conceptual translation; Critical renovation of geography; Space; Society

Resumen

Este ensayo pretende discutir cómo diferentes concepciones del espacio, surgidas a partir de la renovación crítica de la geografía, incorporan a la sociedad en su interpretación de la realidad, a partir de la noción de “traducción” presentada por Milton Santos (1996). Para ello, inicialmente se realizó una discusión sobre temas relacionados con los conceptos utilizados en la disciplina. En segundo lugar, se proporcionó una breve historia del uso y la importancia del concepto de espacio en geografía. A continuación, se analizaron diferentes procesos de “traducción conceptual” llevados a cabo a lo largo de este último período de la geografía iniciado con la Renovación. Es posible percibir, por tanto, que existe un desfase entre lo que se entiende por espacial en conceptos como “formación socioespacial” o “diferenciación socioespacial” y lo que algunos de los autores que los utilizan definen como espacio o espacial, reduciendo el espacio a mero espacio físico y reduciendo así su poder explicativo.

Palabras clave

Traducción conceptual; Renovación crítica de la geografía; Espacio; Sociedad

Os mal-estares da renovação

De mal-estar em mal-estar, a Geografia passou, entre 1940 e 1980, por um intenso período de debates. As respostas dadas aos questionamentos feitos nesse período sempre pareciam insuficientes, mal se estabeleciam e logo eram questionadas. Questionava-se a Geografia regional clássica: ruma-se em direção à Geografia zonal — mais física — que alça voo nos anos 50 e morre já nos anos 70. Com a Geografia quantitativa², de periodização similar, tenta-se reforçar o aspecto humano da disciplina e compreender a interação social de um ponto de vista geográfico, mas essa nova Geografia se dedicava mais aos métodos de análise, à estatística, à modelização e à testagem do que às questões que a fizeram surgir, ela também cai em meados da década de 1970 (Claval, 2014). Vem a renovação da Geografia no Brasil para

² Também chamada, por alguns autores, de Geografia aplicada, Geografia teórica ou Geografia pragmática (Moro, 1999).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

injetar um conteúdo mais social e crítico à disciplina e, quase cinquenta anos depois,³ ela ainda está de pé. Finalmente a Geografia encontra uma base sólida para a construção de seu edifício teórico.

Não significa, com isso, que a renovação não criou seus próprios mal-estares. A renovação trouxe novos ares imprescindíveis para a continuação da disciplina, mas trouxe novos incômodos que não podiam ser previstos enquanto ela acontecia. Incômodos que, apesar de não serem tão grandes quanto os antigos — não fazem colapsar constantemente a disciplina — merecem ser discutidos. Especialmente o incômodo que aqui se apresenta: a conceituação de espaço. Conceito-chave da Geografia pós-1950 (Carlos, 2018, Corrêa, 2000, Haesbaert, 2010, Santos, 1996, 2000, Sposito, 2004), as diferentes noções de espaço, mais do que uma discussão meramente semântica, implicam no modo como é feita a Geografia contemporânea (Unwin, 2000). Esta que, para autores como Moreira (2020) e Santos (1996), perde parte da sua forma e de seu conteúdo no período após a renovação, devido a, entre outras coisas, o modo como constrói seus conceitos.

O objetivo deste ensaio é discutir as relações entre os conceitos de espaço e sociedade oriundos da renovação da Geografia a partir da noção de “tradução conceitual” — o processo pelo qual um autor reconstrói um conceito de outra disciplina nas bases de sua própria disciplina — de Milton Santos (1996), por meio da análise das concepções relativas ao espacial/socioespacial surgidas ao longo do período pós-renovação. Como o texto se trata de um ensaio, o levantamento não se pretendeu exaustivo ou sistemático, apenas ilustrativo. A escolha dos *textos principais*, contudo, não é aleatória e seguiu três critérios: 1) pertencer a um autor(a) reconhecido por seu impacto no processo de renovação crítica da Geografia brasileira (Pedrosa, 2015); 2) representar diferentes momentos na trajetória do conceito de espaço, e; 3) propor um novo debate ou caminho teórico, como o fazem explicitamente Milton Santos (1977)⁴ e Ana Fani Alessandri Carlos (2018)⁵ ou fazê-lo, ainda que sem o desejo explícito,

³ 49 ou 45 anos, a depender de como se conte. A renovação brasileira se faz sentir desde 1974 e começa, mais apropriadamente, em 1978 (Moreira, 2020, p. 24).

⁴ Não é nosso propósito engrossar ainda mais o debate semântico sobre as F.E.S. [Formação Econômica e Social], porém sugerir uma nova dimensão que nos parece essencial e que seria uma alternativa no quadro desta nova corrente de pensamento da qual nos fala S. Barrios (Santos, 1997, p. 82)

⁵ “Quando me refiro à *metaGeografia* não pretendo, com isso, fundar outra Geografia, nem tão pouco criar uma nova subdivisão, mas, antes, propor um caminho teórico-metodológico de superação do estado de crise em que se

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

como em Marcelo Lopes de Souza (2007, 2009) (Catalão, 2011). Este último critério se dá pela abordagem hermenêutica do ensaio, calcada numa hermenêutica da linguagem que busca demonstrar a estrutura de significado⁶ desses textos que, por seu pioneirismo, tendem a expor de forma mais detalhada o processo de construção de seus argumentos.

A Geografia que não é

Como ponto de partida, uma observação de Ruy Moreira:

Houve uma época em que o fazer geográfico consistia em saber empregar os princípios lógicos da localização, distribuição, distância, extensão, densidade, conexão, delimitação, escala no estudo dos territórios e das paisagens. Já de algum tempo esses princípios foram abandonados. Por isso, antes tínhamos uma Geografia com forma e sem conteúdo, hoje temos uma Geografia com conteúdo e sem forma. (Moreira, 2020 [1987], p. 118).

Moreira inquietava-se com a falta de forma geográfica, inquietação válida, mas com um leve problema: para Moreira a forma poderia até não ser mais geográfica, mas o seria o conteúdo. Talvez, se estes estivessem separados. A separação entre forma e conteúdo é uma concepção há muito criticada, e seu oposto — a união indissociável entre eles — é quase um truísmo a este ponto. A linguagem, mostra Merleau-Ponty, é ela mesma significação. As palavras e o sentido, o sinal e o significado, a forma e o conteúdo estão ligados de tal forma que separá-los é esvaziá-los (Merleau-Ponty, 1974). A ausência de forma geográfica era um sinal de ausência de conteúdo geográfico que, naquele ponto, em 1987, pouco menos de uma década do início da renovação, era de difícil identificação.

O que leva a Milton Santos. Ele também se refere à falta de forma, mas seu foco é na falta de conteúdo:

É que um conceito elaborado numa disciplina ou numa área do saber, para outra área do saber raramente é um conceito também. A maioria das vezes os conceitos elaborados numa disciplina são metáforas elaboradas para as outras disciplinas. Isto quer dizer que a apropriação de um conceito, de uma elaboração, busca dar conta da estrutura da realidade vista por um especialista. O especialista vê apenas um aspecto da realidade. Esta apropriação tem que ser feita como uma tradução, generosa e rigorosa ao mesmo tempo. A Geografia padece muito deste problema porque, com

encontra a disciplina... A metaGeografia propõe, assim, uma nova inteligibilidade...” (Carlos, 2018, p. 147, grifos da autora).

⁶ Em oposição às “análises de significado” de filósofos anglo-saxões, que buscam a “intenção” dos autores (Giddens, 1993). Crê-se aqui, portanto, naquilo que Paul Ricoeur chama de autonomia do texto (Ricoeur, 1991).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

frequência, nós tomamos de outras disciplinas conceitos de forma crua, sem reelaboração. Isto resulta, frequentemente, em um equívoco no tratamento das questões a partir desta apropriação e numa carência epistemológica decorrente desta apropriação tão simples (Santos, 1996, p. 33-34).

Os geógrafos tomariam emprestado os conceitos de outras disciplinas como são, sem reelaborá-los, sem traduzí-las ao ponto de vista geográfico.

E uma ciência não é nada senão seu ponto de vista.

O olhar do geógrafo é um olhar espacial, o que não quer dizer que ele seja o único a abordar o espaço, que seja o cientista ou especialista deste,⁷ mas que mesmo com todas as divergências entre as diferentes Geografias, “um ponto de partida aparece como inequívoco a todos os geógrafos: é possível construir uma análise da realidade a partir do espaço” (Carlos, 2018, p. 22). É do espaço que partem os geógrafos quando vão observar o real. A Geografia pós renovação parece esquecer-se disso às vezes. Os princípios abandonados de que fala Ruy Moreira são todos princípios espaciais cuja falta se faz sentir em muitos estudos, e os conceitos utilizados, como afirma Milton Santos, povoam esses estudos com quase nenhum retrabalho. Abandonando princípios que lhe são próprios e adotando em massa conceitos de outras disciplinas, pouco sobra de Geografia na Geografia.

A renovação trouxe uma importante ampliação dos horizontes e das possibilidades dos geógrafos. A velha frase: “é interessante, mas não é Geografia” (Claval, 2014, p. 280) é mais uma vítima do período, mas ao contrário daquela época, quando os professores barravam as pesquisas de jovens geógrafos porque os temas e objetos estudados eram considerados impróprios à disciplina, o problema pós renovação é não mais sobre o que é abordado, mas como se aborda. O que fazer quando se sente que o olhar espacial vira uma metáfora na própria Geografia?

Sendo “novos” na teoria social, pegando o carro em movimento, os geógrafos foram obrigados a tomar empréstimos de outras disciplinas para alcançá-las e se manterem atualizados. A renovação ocorre num clima agridoce: de entusiasmo com o renascer da

⁷ Para o sociólogo Anthony Giddens (2003 p.418-433) os geógrafos e os historiadores não seriam os especialistas do espaço e do tempo, não haveria diferenças lógicas e metodológicas entre estes e os sociólogos e todos compartilhariam da teoria social. Concorda-se com ele, aqui, neste ponto. Não se concorda, contudo, quando ele diz que a diferença entre as disciplinas seja nenhuma, ou ao menos nenhuma defensável, é justamente a diferença no olhar que dá o caráter particular dessas disciplinas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

disciplina e de vontade de mostrar que ela faz parte do cânone da teoria social tanto quanto as outras. A Geografia humana sempre fez parte das ciências sociais, mas nunca gozou do mesmo prestígio que a história, a sociologia e a antropologia. O sociólogo Anthony Giddens, num texto de 1984, que Milton Santos mais tarde irá chamar de “virulento” (Santos, 2000, p. 87), afirma isso sem nenhum rodeio⁸. Os geógrafos precisaram se adaptar a esse cenário e traduzir os discursos de outras disciplinas para serem levados a sério como cientistas sociais.

São dessas tentativas de tradução, mesmo as mais “generosas e rigorosas”, que vêm, acredita-se aqui, essa sensação de falta de forma e conteúdo geográficos — e, portanto, de falta de Geografia — identificada por esses autores. Essas traduções servirão como ponto de partida das análises empreendidas daqui para a frente.

O espaço na Geografia

Antes, é necessário esclarecer o que se entende por espaço na Geografia moderna, em geral, e neste trabalho, em particular, para melhor compreender o que seria “olhar espacial”.

O conceito de espaço nem sempre foi um conceito-chave na disciplina (Sposito, 2004, Corrêa, 2000, Haesbaert, 2010). Poucos do passado definiriam a Geografia como uma ciência que parte do espaço para analisar a realidade, como o faz Ana Fani Carlos. O que não faz com que a autora deixe de ter razão, o sentido moderno de espaço guarda intenções bastante similares às definições e sentidos das Geografias clássicas. Os termos e métodos se modificaram, mas o objetivo da Geografia permanece.

Ruy Moreira (2021) vai diferenciar três períodos da Geografia, cada um regido por um paradigma. O mais recente, o paradigma holista da hipermodernidade, sucede o paradigma fragmentário da modernidade industrial e o paradigma holista da baixa modernidade. Sendo este último o fundador da Geografia moderna (Moreira, 2021, p.13).

⁸ “A Geografia é desde há muito um assunto menos afeito no plano intelectual, do que a história e, na literatura, há muito menos estudos sobre a relação entre Geografia e sociologia do que sobre história e sociologia... Isso deve-se provavelmente não apenas à diferença de prestígio intelectual da história e da Geografia, mas também à maior transparência que o conceito de espaço parece ter em comparação com o de tempo” (Giddens, 2003, p. 427).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544

Ensaios de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

A Geografia, já nesta época, com Kant, estava relacionada à percepção espacial dos fenômenos. É ele, junto com J.H. Forster, que irá lançar as bases da disciplina. Mas os reais precursores da Geografia moderna são Humboldt e Ritter:

Se para Ritter o objeto de estudo da Geografia é a superfície terrestre vista a partir das individualidades regionais, para Humboldt é a globalidade do planeta, vista a partir da interação entre esfera inorgânica, orgânica e humana holisticamente realizada pela ação intermediadora da esfera orgânica (Moreira, 2021, p. 21).

Ritter, que vai do todo à parte, e Humboldt, que vai da parte ao todo, ambos têm uma visão holista e têm como tema “o mundo (natural-humano) do homem e não se pensa o homem e a natureza em dissociado, por que, para ambos, a referência da Geografia é a superfície terrestre e o homem o ser que vive na superfície terrestre” (Moreira, 2021, p. 24). É esta indissociabilidade entre o homem e a natureza, o homem e o meio, os objetos e as ações ou tantas outras formulações e concepções ao longo da história da Geografia que exprimem a indissociabilidade entre o material e o humano que marca o olhar espacial.

E assim também o era, ao menos em intenção, mesmo na época do paradigma fragmentário da Geografia. A noção de Geografia como “ciência de síntese” é criada justamente com a intenção de integrar o então crescente número de especializações na Geografia que iam afastando-a desse objetivo ideal de indissociabilidade (Moreira, 2021, p. 117). Intenção malograda, a concepção reafirmava “o naturalismo mecanicista em que a natureza e o espaço são externos ao homem por decorrência do homem estar fora da natureza e do espaço, situados assim numa relação de estranhamento” (Moreira, 2021, p. 122). A Geografia da síntese terminou, não como uma síntese verdadeira, mas como uma colcha de retalhos. Mostra, contudo, a força da ideia que governa a Geografia e o olhar do geógrafo, mesmo quando a especialização e fragmentação do positivismo reinavam sem questionamentos em outras ciências, os geógrafos buscavam, ainda que sem sucesso, o holismo que lhes é característico.

Este holismo do paradigma atual da Geografia — e da Geografia em si — afeta as duas grandes escolas de pensamento da Geografia moderna. No campo fenomenológico, por exemplo, afirma Dardel: “Colocar-se fora da Terra e do espaço concreto para conhecê-los do exterior, é esquecer que, por sua própria existência, o homem está comprometido como ser espacial e como ser terrestre” (Dardel, 2015 [1990], p. 89) E no campo dialético, temos a conhecida formulação de Henri Lefebvre, relativa ao espaço social (Lefebvre, 1991 [1974]). O

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, n° 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

paradigma fragmentário que expulsava o homem do espaço é, assim, rechaçado, ao menos discursivamente, da Geografia. Contudo, como visto acima, embora o objetivo da Geografia de síntese tenha sido a indissociabilidade do homem com o meio, esta fracassou. É necessário um trabalho de operacionalização, que pode falhar, para concretizar esses objetivos holistas.⁹ Para isso, tem de se transformar o espaço (objeto) em diferentes conceitos espaciais, tirados da realidade e tornados capazes de utilização sobre essa mesma realidade (Santos, 2020). É o que tenta Milton Santos, com sua definição de espaço geográfico como um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações, pois, a partir dela, pode-se “reconhecer suas categorias analíticas internas”, que, por sua vez, são os “instrumentos de análise que constituem a centralidade do método” (Santos, 2020, p.21-22).

Para Santos (2020):

Os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permitem o conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de objetos.

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (Santos, 2020, p. 63).

Os objetos, como dados sociais — ou seja, considerados para além de sua pura materialidade — derivam sua significação de sua existência relacional na sociedade em que estão inseridos. A sociedade, por sua vez, é criadora e criatura destes objetos. Juntos, ambos formam o espaço (Santos, 2020). Em outras palavras, o espaço só merece a alcunha de geográfico quando há pessoas — a sociedade — e o mundo. A sociedade, sem o seu espaço físico, era matéria da sociologia, antes focada sobremaneira no tempo (Giddens, 2003). O mero espaço físico, o sistema de objetos, sem quem os habita, é matéria da arqueologia, domínio dos mortos (Santos, 2020). O espaço, que no senso comum é visto como palco ou como espaço físico (o sistema de objetos) para a sociedade (o sistema de ações) é, na Geografia, interação, indissociabilidade e holismo entre eles. O olhar espacial não se refere a qualquer espaço, mas a este “espaço geográfico” em suas múltiplas formulações no decorrer da história.

⁹ Não se quer afirmar, aqui, que Dardel e Lefebvre não realizaram este trabalho de operacionalização. Apenas quer se realçar a noção de que apenas novos conceitos e definições não são o suficiente.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Uma das primeiras traduções

Começando com Milton Santos em sua adaptação do conceito de formação social para o de formação socioespacial, tem-se em mãos um dos primeiros textos da renovação brasileira. A escolha de Milton Santos é intencional, se deu para mostrar que ainda que rigoroso, como ele mesmo diz que é necessário, o processo de retrabalho de conceitos traz certos problemas à Geografia.

“O espaço, ele mesmo, é social” diz Milton Santos, em 1977 (p. 82). O objetivo de *Sociedade e Espaço: A Formação Social Como Teoria e Método*, é auxiliar na formação de uma teoria válida do espaço que, à época, era visto como um “teatro” das ações humanas (Santos, 1977, p. 81-82). A categoria Formação Social seria, para Santos, a mais adequada a esses objetivos, e “Aceitá-la deveria permitir aceitar o erro da interpretação dualista das relações Homem-Natureza. Natureza e Espaço são sinônimos, desde que se considere a Natureza como uma natureza transformada, uma segunda Natureza, como Marx a chamou” (Santos, 1977, p. 82).

O espaço, nessa fase da obra de Milton Santos era a natureza transformada, a materialidade, a “matéria trabalhada por excelência”. Dos objetos sociais o que mais se imporia sobre as pessoas e o que mais estaria presente no cotidiano dos indivíduos (Santos, 1977, p. 92). É, em resumo, o que Milton Santos mais tarde denominaria de sistema de objetos. O espaço da “formação socioespacial” não é o indissociável sistema entre sociedade e objetos que viria a ser no autor, mas apenas o espaço físico. Ainda herdeiro do paradigma fragmentário, as pessoas, apesar da intenção de acabar com dualismos, continuavam expulsas do conceito, agora com a diferença de que este não seria mais apenas um teatro inativo, e sim um efeito e condição da sociedade, em uma relação dialética com ela (Santos, 1977, p. 89).

Esse conceito de espaço ainda não admitia as pessoas como parte constituinte de si mesmo, é por isso que sobre o papel do espaço na totalidade social, é isto que Milton Santos tem a dizer:

Entretanto, esse papel do espaço passa freqüentemente (sic) despercebido ou não é analisado em profundidade. Deveríamos perguntarmos, como Sartre (1960:202), a respeito da materialidade, por que “não se tentou absolutamente estudar esse tipo de ação passiva que exerce a materialidade como tal sobre os homens e sobre sua história,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

devolvendo-lhes uma *praxis* voltada sob a forma de uma contrafinalidade” (*counter-finality*) (Santos, 1977, p.92).

Nesta época, a sociedade trabalhava a materialidade, a modificava e era modificada por ela, mas dela ainda estava estranhada, ainda lhe era negada a integração e a indissociabilidade que adquirirá posteriormente, apesar da aparência de unidade que tinha em sua criação.

Para Corrêa, por exemplo, quase vinte anos depois:

O mérito do conceito de formação sócio-espacial ou simplesmente formação espacial, reside no fato de se explicitar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade. Não há, assim, por que falar em sociedade e espaço como se fossem coisas separadas que nós reuniríamos *a posteriori*, mas sim de formação sócio-espacial (Corrêa, 2000 [1995], p. 26).

Aparência que se desfaz, entretanto, quando se retoma a formulação atual de espaço de Santos. Retornando à citação de Corrêa: “o espaço só é inteligível através da sociedade” (Corrêa, 2000, p. 26), e comparando com Santos: “Os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permitem o conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações” (Santos, 2020, p. 63). E continuando: “a sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz” (Corrêa, 2000, p. 26); “Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de objetos... De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes” (Santos, 2020, p. 63). Vemos, novamente, que o espaço da formação socioespacial nada mais é que o espaço físico, o sistema de objetos.

Social — socioespacial — espacial

As primeiras traduções carregam a marca da Geografia e das ciências sociais de seu tempo. Do mesmo modo que Moreira afirma que o ser humano foi expulso do espaço, o espaço e o tempo, segundo Giddens (2003, p.418), foram reprimidos da teoria sociológica. Poder-se-ia afirmar que o problema central envolvendo essas primeiras traduções viria das conceituações fragmentadas da época e, por isso, o problema se resolveria automaticamente devido aos conceitos mais holísticos de hoje em dia. O conceito de espaço atual é diferente do existente no início da renovação, o ser humano não estaria mais fora do espaço e isto seria o suficiente para tornar as traduções modernas adequadas às sensibilidades atuais. Contudo, o espaço suprimido

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

pelos sociólogos não foi o moderno espaço geográfico, mas o espaço físico material, restando em sua ótica as ações sociais. O processo de retrabalho e o conceito retrabalhado partem da ótica original sob a qual foi constituída e que, fragmentada, guia o processo de tradução¹⁰. O conceito de espaço precisa se adequar a esta primeira ótica terminando, ele também, fragmentado.

O processo de tradução conceitual se dá em etapas. Milton Santos (1977), por exemplo, após uma breve introdução, irá explicar o conceito de formação social no tópico “A categoria de formação social”, para depois explicar o que do espaço físico foi suprimido do conceito em “Formação sócio-econômica ou formação espacial?” e sintetizar o pensamento em “Espaço e totalidade”.

A “formação socioespacial” de *Sociedade e Espaço* preserva a ótica sociológica que a constituiu inicialmente. Utilizando a terminologia miltoniana, continua a partir do sistema de ações. A consideração ao espaço físico — o sistema de objetos — vem depois, é um adicional e, assim, não se integra totalmente, indissociavelmente, como deve ser.

Com David Harvey (1980), em *Justiça social e a cidade*, o processo é semelhante, no capítulo *Valor de Uso, Valor de Troca e a Teoria do Uso do Solo Urbano*, ele começará com uma explicação destes conceitos para daí realizar um exame minucioso de como eles se dão no solo urbano. O processo, ainda que com críticas, adequações e reelaborações preserva a ótica original na qual o conceito foi elaborado e adiciona a ela as considerações que se julgam adequadas. A reelaboração permite o uso adequado de conceitos de outra disciplina não ao realizar uma mudança no olhar, mas ao adicionar naquela ótica particular — neste caso, a sociológica — elementos importantes à ótica geográfica. As traduções sempre carregam em si o processo de sua criação, o valor de uso do solo urbano de Harvey continua a ser, pela demonstração do próprio autor, aquele mesmo conceito explicado por Adam Smith e aprofundado por Karl Marx. É o valor de uso. Do solo. É uma sociologia que lembra que o espaço (físico) existe.

¹⁰ Ainda que em autores como Giddens, tenha se testemunhado uma tentativa de reinserir o espaço e o tempo na teoria social, eliminando essa fragmentação, a sociologia e a história guardam um potencial a-espacial que não pode, por razões óbvias, existir na Geografia. Isto não é demérito algum a essas disciplinas. São, novamente, óticas diferentes, que tem limites e potencialidades diferentes. É esse potencial, às vezes mais que as próprias formulações dos autores em si, que fragmentará a maioria dos conceitos oriundos dessas disciplinas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

Os conceitos retrabalhados se situam nas fronteiras entre as diferentes disciplinas, diferenças que, vale lembrar, não existem na realidade, apenas no olhar. Daí que o medo — ou esperança — de alguns, de que a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade acabariam com as disciplinas nunca se concretizou, porque os esquemas conceituais das disciplinas que domesticam os olhares dos especialistas foram constituídos historicamente de formas diferentes, e assim ainda permanecem. São uma “espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração” (Oliveira, 2000, p. 15). A Teoria Social, como é chamada por Giddens, permanece uma, mas é abordada de diferentes ângulos. A tradução, como o próprio nome indica, preserva o sentido de uma mensagem, modificando a maneira que é dita para torná-la acessível a um novo público.

A moderna concepção holística de espaço não muda o ponto de partida da formação social ou do valor de uso, mesmo após o retrabalho que as transformaram em formação socioespacial e valor de uso do solo. Resulta disso que o “espacial” de “socioespacial” pode ser somente o espaço físico fragmentado: o “socio” se encarrega unicamente das ações, o “espacial” unicamente dos objetos. Reinsere o que “faltava” a esses conceitos recupera o que neles está suprimido, o espaço físico, não importando muito, com isso, a concepção particular de espaço do renovador. O “espacial” no fim de muitos desses conceitos não é o mesmo “espacial” do espaço geográfico que se refere tanto às ações quanto aos objetos inseparavelmente, o que prejudica a precisão conceitual dos textos que utilizam os dois de forma intercambiável, como o próprio *A natureza do espaço* de Milton Santos (2020). O que seria a formação socioespacial nesse livro onde o espacial é definido como conjunto indissociável do sistema de ações sociais e sistema de objetos? Uma formação “socioespacial”?

Neste ponto vale perguntar-se, como faz Unwin (2000) em sua crítica a Lefebvre¹¹, se não é tudo apenas questão de semântica? Os sistemas conceituais [espaço (objetos-ações)] e [formação socioespacial (espaço-sociedade)] são essencialmente os mesmos e tratam das mesmas coisas. Por que insistir no primeiro e não no segundo? Porque conceitos nunca vêm só, estão sempre mergulhados em relações com outros conceitos (Haesbaert, 2010). E o espaço, apesar da similaridade dos sistemas conceituais acima, ocupa posições diferentes, e, portanto,

¹¹ A qual não se está endossando neste artigo

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Ensaios de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

significa coisas diferentes, em ambos. Contudo, sendo o conceito principal da disciplina (Carlos, 2018, Corrêa, 2000, Haesbaert, 2010, Santos, 1996, 2000, Sposito, 2004), a quem os outros conceitos fazem referência, os significados diferentes criam diferentes metáforas e desenrolares de pensamento por toda a Geografia. Sugerem caminhos, turvam outros, impedem a concretização de certas reflexões independentemente das intenções de quem escreve. A própria linguagem é uma das ferramentas de investigação do cientista (Tavares; Hissa, 2011) e a intencionalidade por detrás da criação de uma ferramenta há de influenciar nas ações que podem ser feitas com ela (Santos, 2020).

A similaridade entre os sistemas é o que os aproxima, é este ponto em comum que possibilitou a inserção destes conceitos no discurso geográfico. A diferença entre eles é que o que é privilegiado na ótica geográfica são estes dois elementos em sua indissociabilidade, o que é privilegiado na ótica socioespacial continua a ser, como na sociológica, a ação social.

Sem as traduções a Geografia atual estaria em total descompasso com a teoria social mais ampla, mas estas não podem tornar-se o foco da disciplina sem desfigurar as particularidades de seu olhar.

Um debate em torno de um termo: socioespacial ou sócio-espacial?

O debate avança, as primeiras traduções foram só o começo de um processo maior que se tornaria parte importante da Geografia. Em 2007, Marcelo Lopes de Souza inaugura o debate em torno da grafia do termo socioespacial. Termo associado aí não à formação, mas à diferenciação socioespacial — como a diferenciação das áreas, que definiria a “essência” da Geografia para Hartshorne (Souza, 2007, p. 107). O debate interessa aqui, portanto, menos pelo que ele propõe — discutir a presença ou não do hífen em socioespacial — e mais devido à importância dada ao termo e ao conceito de espaço nele presente.

No último parágrafo deste artigo de 2007 o autor sintetizará o debate da seguinte maneira:

Apesar disso, parece ser esse o caminho para a passagem do exame da “diferenciação socioespacial” (ou seja, da diferenciação do espaço social) para a “diferenciação sócio-espacial” em sentido mais pleno (ou seja, da diferenciação das relações sociais e do espaço social, e dos vínculos entre ambos)¹³ (Souza, 2007, p. 112).

Nota de rodapé nº 13:

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.
Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.
ISSN: 2316-8544



Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

O adjetivo socioespacial significa: referente ao espaço social; já o adjetivo sócio-espacial quer dizer: referente ao espaço social e às relações sociais (Souza, 2007, p. 112).

Catalão (2011, p. 176), analisando este debate, aponta que o que Souza chama de espaço social é contemplado pelo termo espaço/espacial — visto que o espaço, já sendo “forçosamente social”, torna o adjetivo social redundante. Este espaço social — ou espaço — de Souza (2007) é, como o de Milton Santos em 1977 unicamente o material, o sistema de objetos, também condicionante e não mais palco, mas ainda somente material. As pessoas ainda não estão no conceito de espaço, relacionam-se com ele, mas a separação e o estranhamento são constantemente reafirmados. É possível observar este caráter material do espaço e a reafirmação da separação em Souza, em outro texto onde comenta novamente sobre a presença do hífen:

“Socioespacial”, sem hífen, se refere somente ao espaço social (por exemplo, tomando-o do ponto de vista do resultado de sua produção em determinado momento histórico, real ou potencial, como em um plano de remodelação urbanística); de sua parte, “sócio-espacial”, com hífen, diz respeito às relações sociais e ao espaço, simultaneamente (abrangendo, diretamente, a dinâmica da produção do próprio espaço, no contexto da sociedade concreta como totalidade)... ou seja, como se o espaço social, inflacionado em seu conteúdo a ponto de tornar desnecessário o conceito de sociedade, abarcasse, sem maiores sutilezas, do substrato espacial material aos próprios seres humanos, passando pelas relações sociais (Souza, 2009, p. 24-25).

O espaço social — o espaço — é o resultado (material) da produção e “sócio-espacial” serviria para se referir a este espaço e às relações sociais que o animariam. Souza (2007) rejeita categoricamente a ideia de que o espaço material e os próprios seres humanos possam estar sob o conceito de espaço social e considera, por um motivo não muito claro, que um conceito de espaço que abarque esses dois é uma premissa absurda, “inflacionada”, que tenta substituir o conceito de sociedade. Como se pudesse existir um espaço ‘social’ sem os “próprios seres humanos” ou as “relações sociais”, sem que este se tornasse um mero sítio arqueológico, matéria morta de uma época passada.

O espaço geográfico só é espaço geográfico quando há pessoas, é o que o difere do espaço físico da geomorfologia, da pedologia ou da geologia. Não faz sentido retirá-las deste conceito que só existe porque há matéria sendo modificada por alguém e alguém sendo modificado pela matéria. Separar o meio físico dos seres humanos e considerar apenas o primeiro como o espaço da Geografia — ainda que chamando-o de espaço social devido a

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

interação que esta sociedade em separado teria com ele — é sinal da herança de um esquartejamento positivista da realidade criticado pelo próprio Souza (2007, p.105).

A necessidade do hífen, para Souza (2007), vem da necessidade de separação. Catalão (2011, p.179) argumenta que o hífen não seria necessário, que o espacial já remeteria a este espaço social de Souza e que o socio — sem hífen — serviria para indicar a referência às relações sociais na análise. Indaga-se aqui se o próprio termo socioespacial/sócio-espacial, enquanto sinal da expulsão do ser humano do conceito de espaço, deve ser utilizado. No início da renovação, com o conceito fragmentário de espaço herdado do período anterior da Geografia e o conceito de sociedade atemporal e a-espacial das ciências sociais, o casamento que resultou em “socioespacial” era perfeito: dois fragmentos buscando se completar. Atualmente, no entanto, levanta-se novamente a questão: O que seria esse “socioespacial” em uma ciência em que o espacial já é, por definição, social?

Uma tradução recente

A “ótica socioespacial” evolui, mas mantém a fragmentação que lhe parece inescapável. Das obras mais recentes temos o ambicioso livro de Ana Fani Alessandri Carlos, *A condição espacial*, de 2018, livro já citado neste ensaio. Foi a partir dele que se afirmou que o geógrafo, se quiser analisar a realidade, tem de partir do espaço. No decorrer do livro, entretanto, esse deixa de ser o caso e o espaço deixa de ser o ponto de partida. Por quê?

Deve-se, primeiramente, procurar o que para a autora seria geográfico:

que entendo ser especificamente geográfico baseia-se no raciocínio segundo o qual as relações sociais se realizam concretamente enquanto relações espaciais. É através da e na prática sócio-espacial que o indivíduo se realiza enquanto tal ao longo da história (Carlos, 2018, p.10).

A grafia da palavra sócio-espacial com hífen é explicada em uma nota de fim:

Optou-se aqui por utilizar “sócio-espacial” no lugar de socioespacial para enfatizar as relações sociais e ao espaço, simultaneamente, levando em conta a articulação dialética de ambos no contexto da totalidade social, mas preservando a individualidade de cada um (Carlos, 2018, p.12).

Novamente, seguindo a mesma linha de raciocínio de Souza (2007), ao invés do conceito de espaço conter em si mesmo uma articulação dialética entre as relações sociais e o

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

espaço físico, de conter o ser humano ao invés de expulsá-lo, ele se destaca da sociedade e é considerado separadamente em articulação a ela. Mesmo quando se busca integração, mantém-se a fragmentação do paradigma anterior, fragmentação que se afirmará cada vez mais à medida que se avança no livro.

Citando Pierre George, que afirmava que “para poder reivindicar um objeto próprio, a Geografia deverá colocar no centro dessas relações (de fatos e movimentos) a preocupação com a existência dos homens...” (George, 1972 *apud* Carlos, 2018, p.20), Carlos mostra a importância do ser humano na Geografia. Contudo, devido à ótica sócio-espacial da autora, o ser humano não está em seu conceito de espaço — que, para ela, é o ponto central da Geografia —, fazendo-se necessário encontrá-lo para dar algum rumo à disciplina. O que leva à necessidade de um deslocamento do foco¹² a um conceito auxiliar que contenha o ser humano, o conceito de produção, e que termina por eclipsar o espaço. O conceito de produção, que é definido como:

Em sua dupla determinação: a) filosófica — o pensamento que não concebe apenas a produção material, mas também o conjunto de processos e relações sociais, e, com isso, engloba a produção das relações sociais em todas suas dimensões envolvendo suas possibilidades; e b) material — a produção de objetos, produtos, mercadorias, o que significa dizer que o processo de produção produz o mundo objetivo (Carlos, 2018, p. 33).

É no conceito de produção que se encontram as relações sociais “em todas suas dimensões envolvendo suas possibilidades”, nele também vai se encontrar parte da materialidade, o espaço físico, que geralmente sobrava ao espaço das formulações socioespaciais/sócio-espaciais. O espaço, agora sem muito a oferecer, passa a ser mero acompanhante desse conceito que vai ser, daqui para frente, o verdadeiro ponto de partida para a análise da realidade¹³. No início do livro, o ponto de partida dos geógrafos era o espaço (Carlos, 2018), no final o “ponto de partida” se torna “o entendimento da produção do espaço como momento da construção da humanidade do homem” (Carlos, 2018, p. 147). Mudança

¹² “Os termos acima assinalados constroem o caminho que permite deslocar o foco do *espaço* para a *produção do espaço*” (Carlos, 2018, p. 20).

¹³ Unwin (2000) chega, através de outros argumentos, a uma conclusão similar em sua crítica a Lefebvre: “An important feature of this quotation, is that for Lefebvre it is ‘the production of space’ rather than ‘space’ itself that becomes the fundamental object of interest” (Unwin, 2000, p. 23).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

compreensível nessa perspectiva, já que o conceito de espaço, no decorrer de *A condição espacial*, se torna pouco mais que um penduricalho teórico.

Viva a Geografia?

“A Geografia está em crise. Viva a Geografia!”. O título do artigo de Carlos Walter Porto Gonçalves, de 1978, se tornou uma frase recorrente nos livros de história do pensamento geográfico brasileiro. Ela celebrava este momento que era a renovação. A crise que a Geografia passava na época era “altamente instigante e salutar” porque possibilitava “a elaboração de uma Geografia da Crise, engajada com a sua superação e comprometida com a afirmação de uma teoria do espaço que seja do e para o homem e não com o espaço da sua opressão” (Gonçalves, 1978, p. 25-26).

No entanto, alguns desses esforços resultaram, não em uma teoria do espaço do e para o homem, mas de um esvaziamento do conceito de espaço e um prolongamento da ótica fragmentária que, agora vestida de dialética, mantém e em casos aprofunda a separação entre homem e meio, necessitando de outros conceitos para dar uma aparência de integração e unidade, não muito diferente da colcha de retalhos de outrora.

Estes esforços socioespaciais, sejam na forma de conceitos isolados ou como projetos intelectuais maiores — *A condição espacial*, por exemplo, propõe a sua metaGeografia como um “caminho teórico-metodológico de superação do estado de crise em que se encontra a disciplina, nos termos aqui desenvolvidos” (Carlos, 2018, p. 147) —, se multiplicam e vão, aqui e ali, inutilizando o conceito de espaço, aqui e ali substituindo o olhar geográfico, transformando-o numa metáfora, distante e pálida em sua própria disciplina.

Milton Santos (2020), resgatando a fala das metáforas em *A natureza do espaço*, vai tentar defender os geógrafos da acusação de Anthony Giddens, de que eles não contribuiriam o suficiente com a teoria social e que se contentariam em acolher e utilizar a produção teórica dos sociólogos. Se defende dizendo que os conceitos de uma disciplina são metáforas em outras, que não se dão em sistemas nem permitem teorizações, que precisam de adequação antes de serem utilizados pelos geógrafos e que os conceitos de espaço dessas disciplinas não podem passar automaticamente para a disciplina geográfica (Santos, 2020, p. 87). Contudo, viu-se que o próprio processo de adequação traz seus problemas, que a separação entre social e material

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

dessas disciplinas condicionou o conceito de espaço resultante da tradução e que o pensamento socioespacial, suficientemente desenvolvido, se dá em sistema e se pretende como caminho teórico-metodológico da disciplina.

É “à Geografia que cabe elaborar seus próprios conceitos”, continua Milton Santos (2020, p. 87). Sim, nada mais justo. Mas onde estão esses conceitos próprios quando tudo que se vê são empréstimos?

Referências

CARLOS, A. F. A. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2018.

CATALÃO, I. Socioespacial ou sócio-espacial: continuando o debate. **Formação (Online)**, [S. l.], v. 2, n. 18, 2012.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. *In*: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. da C., CORRÊA, R. L. (Org.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

GIDDENS, A. **New rules of sociological method: a positive critique of interpretive sociology**. California, EUA: Stanford University Press, 1993.

GONÇALVES, C. W. P. A Geografia está em crise. Viva a Geografia!. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 55, p. 5-29, 1978.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.

HAESBAERT, R. Região numa “Constelação” de Conceitos: Espaço, Território e Região. *In*: HAESBAERT, R. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010, p. 157-179.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1974.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2020.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia Essays of Geography | POSGEO-UFF

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2021.

MORO, Dalton Aureo. A tradição espacial na Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 24, p. 53-64, ago. 1999.

OLIVEIRA, Roberto. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *In: O Trabalho de Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; SP: Editora UNESP, 2000.

PEDROSA, B. V. A controvérsia da Geografia crítica no Brasil (Parte I). **Geosul** [online] 59. 2015.

RICOEUR, P. **Do texto à acção** — ensaios de hermenêutica II. Portugal: Rés Editora, 1991.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, M. Da paisagem ao espaço: Uma discussão. *In: II ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITECTURA E URBANISMO DO BRASIL*, 2, 1995, São Paulo. **Anais do II ENEPEA**. São Paulo: Universidade São Marcos/FAUUSP, 1996.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 54, p. 81-100, jun. 1977.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”: a “visão (apenas) de sobrevôo” como uma tradição epistemológica e metodológica limitante. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 4, n. 6, p. 101-114, 2007.

SOUZA, M. L. de. Introdução: a “nova geração” de movimentos sociais urbanos – e a nova onda de interesse acadêmico pelo assunto. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 6, n. 9, p. 9-26, 2009.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

UNWIN, Tim. A waste of space? Towards a critique of the social production of space... **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 25, n. 1, 11-29, 2000.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

Abreu, Edson de Jesus. Espacial ou socioespacial? relações espaço-sociedade no processo de renovação da Geografia. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 12, nº 26, e122602, 2026.

Submissão em: 25/03/2025. Aceito em: 23/01/2026.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons